

O castigo do Segredo oculto

Excertos de uma alocução feita numa Reunião do Rosário em Cleveland, Ohio

pelo Padre Nicholas Gruner, S.T.L., S.T.D. (Cand.)

Tenho a certeza de que todos já ouviram falar do Terceiro Segredo de Fátima e, com certeza, também já ouviram dizer que o Vaticano o revelou por completo no ano 2000. Nem toda a gente está convencida disso, incluindo este Apostolado. Uma coisa que sabemos é que a desinformação, o silenciamento da Mensagem urgente que Nossa Senhora deu em Fátima vêm da mais alta hierarquia da Igreja.

Mas como é que isto pode acontecer?

Reserva Mental

O Cardeal Bertone, assim como outros dignitários do Vaticano, estão a usar aquilo que se chama reserva mental. Os moralistas católicos dizem-nos que a reserva mental é aceitável algumas vezes, e outras vezes inaceitável. Se, por exemplo, um marinheiro foi convocado para se apresentar num navio de guerra, as suas ordens e a hora de partida do navio estão sujeitas a restrições de segurança. Assim, se um vizinho lhe perguntasse a que horas o navio levantava ferro, ele podia usar de reserva mental e dizer “Não sei”, porque ninguém sabe o futuro. Vistas bem as coisas, o Comandante podia atrasar-se um segundo. Podemos esquivar-nos a dizer toda a verdade a uma pessoa que não tem o direito a saber, mas também não é permissível dizer uma mentira directa.

Há ocasiões em que não podemos usar de reserva mental. Quando uma pessoa que nos faz uma pergunta tem o direito de saber, não podemos usar algum tipo de frase vaga, na esperança de sermos mal interpretados, para essa pessoa não saber a verdade a que tem direito. É em casos destes que usar de reserva mental está errado. Há quem pense que as reservas mentais estão sempre certas e podem usar-se em qualquer altura e em qualquer lugar. Isto é falso. Mas parece ser muito claro que o Cardeal Bertone e outras autoridades do Vaticano estão a usar de reserva mental. É o que estão hoje a fazer com Fátima e com o Terceiro Segredo.

Eles *sabem* que há um segundo texto do Terceiro Segredo. Eles *sabem* que a Irmã Lúcia escreveu mais qualquer coisa. Eles *sabem* que está numa só folha de papel e tem 25 linhas. E eles *sabem* que o Arcebispo Capovilla não está a inventar quando diz que há outro texto. Mas eles não querem dizer-nos isso. O texto verdadeiro, o texto completo, a parte que nos esconderam é a parte que a Santíssima Virgem quer mesmo que conheçamos. É a parte que poria fim à confusão na Igreja desde o Concílio Vaticano II até ao presente. É a parte que destruirá a destruição modernista que tem acontecido na Igreja nos últimos 47

anos. E para não nos revelarem o texto que falta, persuadiram-se a si próprios de que esse texto “não é autêntico”.

A apostasia na Igreja

Colocam as suas opiniões e heresias mais alto do que as palavras da Mãe de Deus. O Cardeal Bertone sugeriu num programa de televisão: “Como é que a Santíssima Virgem, Mãe da Igreja, Auxiliadora dos Cristãos, poderia sugerir que havia Apostasia na Igreja?” Faz esta pergunta, mas o facto já vem mencionado nas Sagradas Escrituras.

A palavra apostasia precisa de ser explicada. Apostasia é uma palavra grega que significa revolta ou rebelião. Os pagãos não podem apóstatar. E porquê? Simplesmente porque nunca foram cristãos. Por isso, não podem revoltar-se contra Cristo se nunca O aceitaram. Portanto, a apostasia só pode acontecer com os Cristãos, e, na sua expressão mais correcta, só pode acontecer com os Católicos, visto que os outros Cristãos não são realmente Cristãos, pelo facto de os seus ensinamentos serem heréticos. Resumindo, a apostasia deve ter lugar dentro da Igreja. S. Paulo disse que o Anticristo não pode vir antes da Grande Apostasia. Só há uma Grande Apostasia, e é aquela que estamos a viver hoje.

Podemos acreditar literalmente no Cardeal Ciappi, quando ele disse: “No Terceiro Segredo está predito, entre outras coisas, que a Grande Apostasia na Igreja começará pelo cimo”.¹ Por isso, os culpados que estão no cimo não querem que reconheçamos que são parte da apostasia, ou pelo seu silêncio, ou pela sua conivência, ou pela sua promoção deliberada da heresia e do cisma.

O Cardeal Bertone e os seus amigos convenceram-se que o texto por revelar, em que Lúcia escreveu as palavras de Nossa Senhora que se referem à apostasia na Igreja, vinda do cimo, não é autêntico. Dizem que isso são as ideias de Lúcia, e que não vêm da Santíssima Virgem. E, sem nos dizerem que têm na cabeça essa definição, dizem que não há outro texto, querendo com isso dizer que não há outro texto que eles considerem autêntico. É assim que, usando uma reserva mental, acham que estão justificados ao dizerem que foi revelado todo o Segredo. Este é o texto e não há mais.

Mas esta maneira de pensar é falsa. Como já expliquei, temos o direito de saber, porque a Santíssima Virgem deu esta Mensagem a nós, fiéis. Por causa do nosso baptismo, temos o direito ao Segredo e o direito de o pedir. E isto é definido pelo Segundo Concílio de Lyons e pelo Concílio Vaticano I.² Em assuntos relativos à jurisdição eclesiástica, todos os membros dos fiéis têm o direito a que o Papa decida. Isto inclui todos os Católicos baptizados. Temos o direito a saber, e devemos pedir os nossos direitos. De facto, o Concílio Vaticano II, no parágrafo 37 da *Lumen Gentium* — que é um documento chamado *Constituição da Igreja* — diz-nos que temos o direito de pedir e de fazer saber os nossos desejos, especialmente nas coisas que afectam o bem da Igreja. (Ver também o Direito Canónico, Cânones 212 e 213.) Ora se há alguma coisa que se qualifica em tudo isto, é o Terceiro Segredo. Temos o direito de o conhecer.

Ora bem, se o Papa Bento XVI tem a mesma opinião, que não é autêntico, temos o direito de lhe pedir que se pronuncie, que diga que há outro texto, mas que ele entende, com base na sua autoridade papal, que não é autêntico. Pelo menos temos esse direito. Não lhe podemos dar uma ordem, mas podemos dizer-lhe que, se não nos dá o que nos compete para a nossa salvação, está a pôr em perigo a sua própria salvação.

Como pode isto ser assim? Porque quando um pároco aceita o seu lugar paroquial, todos os Católicos que vivem nessa paróquia têm o direito de receber dele os Sacramentos. Se caíssemos num poço profundo e houvesse a possibilidade de ele ruir e nos matar, o pároco tem a obrigação de descer a esse poço, mesmo com risco da sua vida, para nos dar os Últimos Sacramentos. Santo Afonso diz que, mesmo em perigo da sua vida, um pastor de almas tem de fazer isso.

Esta obrigação também se aplica ao Bispo. O Bispo é também o pastor da nossa alma. Tal como o Papa, é o pastor da nossa alma. Cada um deles tem a obrigação, em estrita justiça, de cuidar das nossas almas. Portanto, se o Papa Bento XVI tem informações de que precisamos para salvar a alma, e em especial uma Mensagem da Santíssima Virgem em que se fala dos perigos que hoje enfrentamos, temos o direito a essas informações. Mesmo que custasse a vida ao Papa dá-las, tinha a obrigação de o fazer. Não só temos o direito de as pedir, como também a obrigação de as pedir.

A importância de revelar o Segredo

Podemos não gostar do que contém. Tenho a certeza de que o Terceiro Segredo nos dirá coisas que todos nós não gostaremos de ouvir. Mas todas estas coisas são úteis para a nossa salvação. Devemos ouvi-las e prestar atenção a elas. O Padre Malachi Martin, quando apareceu no programa de rádio de Art Bell no ano anterior à sua morte, disse que, quando o Segredo fosse por fim revelado, as igrejas encher-se-iam e as pessoas pôr-se-iam de joelhos a bater no peito, e haveria grandes filas para a confissão.

O Terceiro Segredo não é sobre quem tem ou não tem razão, mas, na realidade, é sobre todos nós no mundo de hoje, porque estamos todos em perigo grave. Creio que já conheço bastante bem o conteúdo do Segredo, depois de ter lido sobre ele e publicado material sobre ele desde há tantos anos. É certo que temos tido bastantes testemunhas que nos disseram uma boa parte dele. Mas as palavras de Nossa Senhora, que Ela nos quis transmitir, são ainda mais importantes. Têm mais peso do que qualquer de nós lhe possa dar, e são mais fáceis de acreditar, e são mais eficazes. Por isso, devemos pedir para que o Segredo nos seja revelado.

A Mão de Deus

Devemos estar gratos a Nossa Senhora por fazer avançar as coisas, de tal maneira que o Cardeal Bertone, apesar dos seus esforços para enterrar o Segredo, cada vez mostra mais que há outro texto.

O Cardeal Bertone teve o cuidado de evitar certas perguntas, mesmo quando eram feitas pelo seu entrevistador amigável no seu próprio livro. Bertone evitou dizer no seu livro que se refere ao testemunho do Arcebispo Capovilla que havia um segundo texto do Segredo que ainda não fora revelado, embora Capovilla o tivesse dito claramente. Com respeito às declarações do Cardeal sobre o testemunho da Irmã Lúcia, vou explicar, à luz da sua inclinação para fazer reservas mentais, o que se passou.

A Irmã Lúcia foi sempre muito obediente e respeitosa, especialmente com o Papa. E assim, quando o Cardeal Bertone visitou a Irmã Lúcia, disse qualquer coisa como: “O Papa diz que o outro texto não é autêntico”, e a sua resposta seria mais ou menos esta: ‘Bem, se o Papa diz que não é autêntico, então não é autêntico. E nesse caso, este é o único texto.’ O único problema com isto é que o Papa nunca disse tal, na sua capacidade como Papa. Pode ter dito isso em particular ao Cardeal Bertone, mas isso é uma coisa muito diferente de o Papa fazer uma declaração pública, sabendo o que está a fazer e impondo uma directriz à Igreja. E isso, nunca um Papa o fez. Portanto, fosse o que fosse que o Papa João Paulo II disse em particular ao Cardeal Bertone, ou o que o Papa Bento XVI disse particularmente, isso não afecta a autenticidade do documento do Terceiro Segredo.

O Cardeal Bertone alegadamente falou com a Irmã Lúcia umas dez horas. Disse-nos que falou com ela — sem gravador, estenógrafo ou câmara de vídeo — e deu-nos o equivalente a cerca de quatro minutos de conversa. O que terá acontecido às restantes 9 horas e 56 minutos? O Sr. Socci fez esta mesma pergunta, e sugeriu que talvez não gravassem a conversa porque estavam a fazer pressão sobre ela para concordar com estas teses. Também sugeriu que essa questão lhe veio à cabeça quando leu que a Irmã Lúcia, em certa altura, disse ao Cardeal Bertone “Não vou confessar-me, sabe.”

O que é que a levou a dizer isso? Bem, o Cardeal Bertone parece que não se lembra do que a fez dizer isso. Todavia, lembrou-se muito bem da resposta. Teria ele dito alguma coisa como: “Compreende que, se não fizer o que lhe pedimos, podemos recusar-lhe a absolvição”? Claro que a resposta a isso podia ter sido: “Não vou confessar-me, sabe.” Há aqui muita coisa entre as linhas, mas o facto é que o Segredo é a chave para se fazer a Consagração.

Porque é que a Mensagem seria mais clara em 1960?

Frère Michel, no primeiro simpósio que fizemos em Roma em 1985, disse essencialmente o seguinte:

“Em 1960, o Vaticano devia revelar o Segredo e não o fez. O resultado foi que desprezaram publicamente Nossa Senhora. Portanto, deve fazer-se reparação por este desprezo, sem o que Ela não concederá a graça da Consagração da Rússia. E a única reparação pública que será aceitável é a divulgação do Segredo de Fátima.”

Não posso deixar de concordar com o seu raciocínio. Podia estar enganado, mas, com a passagem do tempo, parece cada vez mais que estava certo. O que vemos passar-se em Roma, na Itália e no Vaticano é que, de facto, foi usada uma reserva mental para se

poder declarar que o Vaticano tinha revelado todo o Terceiro Segredo. Esta afirmação é enganadora. Parece até ser uma mentira consciente. A única maneira para o Cardeal Bertone justificar uma afirmação destas é convencer-se de que as palavras da Santíssima Virgem Maria contidas no Terceiro Segredo não são “autênticas”.

As palavras de Nossa Senhora que predizem uma crise de Fé na Igreja, vinda do cimo, são consideradas por Bertone e pelos seus adeptos como “não autênticas”. E fazem isto porque as palavras de Nossa Senhora denunciam a desorientação diabólica que eles representam. Pensam que sabem mais do que a Mãe de Deus, e pensam que a sua atitude está certa, apesar de a Igreja estar no estado em que se encontra. Antes de 1960, 70% dos Católicos deste país iam à Missa todos os domingos. Hoje, só 25% assistem à Missa dominical. Aqui, nesta diocese, o novo Bispo está a preparar-se para vender vinte a trinta Igrejas, apesar de haver mais Católicos “de nome” do que há 40 anos. E, infelizmente, isto não é caso único. A apostasia está aqui, assim como em toda a parte.

As palavras de Nossa Senhora no Segredo darão ao menos às pessoas mais uma oportunidade para compreender que não têm que seguir o fulano à direita ou à esquerda, ou os seus Bispos ou os seus padres, porque muitos deles estão a ir a toda a pressa para o inferno. Pelo menos saberemos o que fazer para irmos para o Céu. E saberemos também o que fazer para ajudar os que nos rodeiam a ir também. Quando for finalmente revelado o texto completo das palavras de Nossa Senhora, todos nós teremos essa hipótese.

Foi por isto que o Padre Malachi Martin disse que, quando for revelado o Segredo *completo* — acrescentei a palavra “completo” porque o que foi revelado foi a parte menos importante — as igrejas ficarão cheias, porque se o clero não perceber, pelo menos bastantes leigos hão-de perceber que a Santíssima Virgem está a falar de nós, e é melhor mudarmos de vida e irmo-nos confessar, e fazer reparação, e viver uma vida boa perante Deus, antes que seja tarde demais para nós. É por isso que a Irmã Lúcia disse:

“A minha missão não é indicar ao mundo os castigos materiais que decerto virão sobre a terra se, antes, o mundo não fizer oração e penitência. Não. A minha missão é indicar a todos o perigo iminente em que estamos de perder para sempre a nossa alma, se persistirmos em continuar agarrados ao pecado.”

É disto que o Segredo trata. E sim, o Segredo também nos avisará para estarmos atentos contra alguns membros do clero, que não estão a defender o que a Igreja sempre ensinou. Foi a isto que o Papa João Paulo II se referiu, ao dizer que a terça parte do clero católico está a trabalhar para o demónio. É chocante, mas vem nas Sagradas Escrituras. Portanto, o Cardeal Bertone e os seus amigos não deviam andar a dizer que isto é impossível que aconteça.

A Igreja Católica não cairá

A definição que Nosso Senhor deu, de que as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja, não quer dizer que a igreja em Cleveland estará sempre aqui. No fim de contas, a Igreja no norte de África estava florescente no tempo de Santo Agostinho, e

apesar disso, cinquenta anos após a sua morte, a Igreja foi devastada no norte de África. Já passaram uns mil e seiscentos anos, e ainda não recuperou. Portanto, quando Cristo prometeu que estaria sempre com a Sua Igreja, não queria referir-se a esta igreja em particular, ou que a Igreja manter-se-ia nesta área. No Velho Testamento, Jeremias avisou:

“Se não se emendarem, o inimigo entrará por um buraco naquela muralha e levá-los-á para a escravidão.” E os sacerdotes disseram: “Não liguem a Jeremias, que está a causar dissensão e a desunir-nos.”

Jeremias era um verdadeiro profeta. Veio de Deus. Mas não o escutaram e aconteceu como ele dissera: o inimigo penetrou por aquela muralha e levou-os para a escravidão, em que ficaram durante quarenta anos. E os sacerdotes tinham dito: “Esta é a Cidade Santa. Deus não pode permitir que tal aconteça.”

Muitos Católicos dizem: “Deus prometeu que estaria com a Igreja até ao fim dos tempos, e portanto não é preciso preocuparmo-nos com a Igreja Católica.” Não. Não podemos presumir que nos manteremos fiéis. Se deixarmos a Igreja, deixamos de ser membros da Igreja, e um Católico que se torne herege ou cismático — ou pior ainda, apóstata — sai da Igreja e deixa de ser Católico. Aquela promessa não é para nós, individualmente. É para a Igreja. Temos que nos manter fiéis aos nossos votos baptismais, pelo menos ao voto de conservar a Fé, para permanecermos na Igreja.

Ser Católico implica três coisas. A primeira é acreditar na Fé e conservá-la; a segunda é ser batizado; e a terceira é reconhecer a autoridade legítima, ou seja, a autoridade do Bispo e do Papa. Quem não reconhecer a sua autoridade legítima entra no que se chama um cisma. Porém, se acontecer que o Papa ultrapasse a sua autoridade legítima, não temos que reconhecer essa autoridade, que será ilegítima. E hoje em dia é fácil cair no cisma como até na heresia. O cisma também pode ser introduzido pelo Papa ou pelo Bispo, como veremos.

O que significa o cisma?

O cisma não significa desobedecer ao Papa ou ao Bispo. Cisma significa uma quebra de unidade. O pecado de cisma refere-se geralmente a pessoas não aceitarem a autoridade *legítima* do Papa ou do Bispo. Mas pode acontecer às avessas. O Papa ou o Bispo podem também ser cismáticos.

Isto quase parece uma contradição. Mas vamos a um exemplo. Se um pai de seis filhos disser a metade dos filhos que pintem de verde a sala de estar, e aos outros que pintem de vermelho, o que acontecerá? Vai haver uma luta entre os filhos, e tudo porque o pai lhes deu ordens contraditórias. Mesmo se o pai tivesse apenas dado uma sugestão, o efeito seria o mesmo. Os filhos lutariam à mesma para pintarem a sala de vermelho ou de verde.

Isto é mais do que uma parábola. O facto é que isto é o que está a acontecer hoje na Igreja, e vem do nosso Santo Padre, o Papa. Como é isso? Já me disseram: “Eu pensava que

a Missa em Latim estava proibida. Pensava que os padres que continuam a dizer a Missa em Latim estavam a ser rebeldes.”

Ora falemos um pouco sobre a Missa em Latim, e o envolvimento do Papa nela. Quando o Papa Paulo VI deu o novo Missal em 1969, não proibiu a Missa Antiga. Talvez tivessem ficado com a impressão de que tinha “proibido” a Missa Antiga, e talvez pensassem que isto era verdade, mas se estudarem com atenção o assunto, verão que ele não a proibiu. E o Papa Paulo VI sabia que não a tinha proibido, e até admitiu o facto particularmente. Porque é que isto é importante? Assim como no exemplo do pai e da sua sala de estar, há Católicos que pensam que devem obedecer, indo à Nova Missa e não à Missa Antiga. E há Católicos que pensam que devem obedecer, indo à Missa Antiga e não à Nova Missa. E quando estas pessoas se encontram, dizem umas: “você são desobedientes.” “Não” respondem os outros, “você é que são desobedientes.”

E aqui temos um cisma entre os fiéis. Temos a desunião entre os fiéis. E isto acontece por causa de uma impressão que foi dada, ou de uma ordem que na realidade não era uma ordem. Vou dar-lhes mais um exemplo pessoal.

Em Janeiro de 1967, o Chanceler da Arquidiocese de Montreal enviou uma circular a dizer que não se devia promover uma certa aparição que ainda não tinha sido aprovada a nível diocesano. Eu estava no seminário, do outro lado da rua, e quando lia o circular, pensei assim: Bem, não posso continuar a promovê-la. Mas aconteceu que tornei a ler a carta e verifiquei que, na realidade, não dizia o que eu pensava que tinha lido. Não me ordenava que fizesse ou deixasse de fazer alguma coisa, mas dava essa impressão. Dirigi-me ao Vice-Chanceler, que era um amigo meu, o Padre Willard, que mais tarde foi o Bispo Willard, e disse-lhe: “Esta circular recentemente enviada pela Chancelaria parece dar uma ordem, mas de facto não dá ordem nenhuma. Escapou-me alguma coisa? Compreendi bem?”

A sua resposta foi muito elucidativa:

“Leu-a correctamente. Foi exactamente assim que quiseram escrevê-la.”

Portanto, a sua *intenção* era dar-me a impressão de uma ordem, mas não assumiam a responsabilidade de dar a ordem. E eu, sabendo o que a circular dizia na realidade, não fiquei sujeito a obedecer a essa pretensa “ordem”. Mas a minha mãe, sem eu saber, leu-a da maneira como eu a tinha lido da primeira vez, e pensou que eu, assim como toda a gente, tinha recebido uma ordem para proceder de certa maneira. E quando eu continuei, ela julgou que eu estava a ser desobediente. Só dei por isto uns cinco anos mais tarde, e durante esse tempo a Chancelaria causara, de certa maneira, um cisma, uma ruptura da parte da minha mãe, de que eu fora vítima. A minha mãe não teve culpa, e eu também não. A culpa era do superior.

O suicídio de alterar a Fé na liturgia

Isto é precisamente o que está a acontecer hoje na Igreja, embora numa escala muito maior, em relação ao Santo Sacrifício da Missa, sobre a ordem de não dizer a Missa

Tridentina. A verdade é que não há uma ordem para *não* dizer a Missa Tridentina. Nunca houve. E não só nunca houve, mas até é impossível que uma tal ordem seja dada.

Como é que eu podia ter a certeza disso, mesmo antes do Motu Proprio do Papa Bento XVI? Tinha a certeza, porque é dogma católico definido que o Papa não pode proibir a Missa Tridentina. Se quiserem saber mais sobre este assunto, leiam o livro do Padre Kramer, *The Suicide of Altering the Faith in the Liturgy* (O suicídio de alterar a Fé na liturgia). (Nota do Ed.: Ver anúncio na página 57.) Mas posso dar-lhes facilmente a essência do argumento básico. O 13º Cânone da Sétima Sessão do Concílio de Trento diz:

“Se alguém disser que os ritos recebidos e aprovados da Igreja Católica, geralmente usados na ministração solene dos Sacramentos, pode ser desprezada ou pode ser omitida livremente pelos ministros sem pecar, ou pode ser mudada para outros ritos novos por um pastor da Igreja, seja ele quem for, seja anátema.”³

Por outras palavras, “um pastor, seja ele quem for” inclui o Papa. O Papa é o Pastor de todos os pastores, mas continua a ser um pastor. Nem o Papa, nem os Cardeais, nem os Bispos, nem os padres podem alterar os ritos em que são ministrados solenemente os Sacramentos. Não só não o podem fazer em relação à Missa, mas também em relação aos sete Sacramentos. E esta é uma definição do Concílio de Trento.

Por outras palavras, é um dogma imutável da Fé Católica que um Papa, um Concílio, um Bispo ou padre está proibido de alterar o Rito da Missa para introduzir um Rito “novo” da Missa. Isto foi codificado pelo Papa S. Pio V, no seu documento pontifício *Quo Primum* de 1570, em que diz: “Esta Missa”, querendo dizer a Missa Tridentina, “é o Rito recebido e aprovado da Missa, e ninguém, nem mesmo um Cardeal ou um Bispo ou um padre, pode alterá-la, ou proibir um padre de dizer esta Missa.” E proclamou isto como obrigatório, tanto em Direito como no dogma, para sempre, o que quer dizer que nem os seus sucessores podiam mudá-la. Não estava apenas a fazer uma lei; estava a testemunhar que era isto a que o Concílio de Trento se referia, ao dizer que não se podia alterar os Ritos. E por isto é que o Papa Paulo VI não proibiu a Missa Antiga — nem o podia fazer, mesmo que quisesse. Contudo, deu a impressão de que a tinha proibido. E isto tem causado problemas à Igreja desde essa altura. Como se vê, não é inconcebível acreditar no Cardeal Ciappi quando ele disse que a apostasia na Igreja começa pelo cimo.

O Dogma da nossa Fé

O mesmo argumento aplica-se aos documentos da Igreja. Os documentos da Igreja, especialmente os documentos oficiais que proclamam os ensinamentos de um Concílio da Igreja, devem ser escritos de tal maneira que toda a gente os compreenda com o mesmo sentido. Os documentos do Concílio Vaticano II são ambíguos e equívocos nalguns lugares, o que quer dizer que podem ser compreendidos com vários sentidos diferentes. Foi esta precisamente a intenção dos autores que formularam as palavras. Mas, intencionalmente ou não, o facto é que vários ensinamentos de alguns destes documentos são certamente disputados. O que quer dizer que falta a esses documentos qualquer coisa que devia lá estar. A própria natureza do mal é “a falta de qualquer coisa que Deus determinou que devia estar

presente.” Se os documentos carecem da clareza necessária, é razoável concluir que esses documentos, devido a essa falta de clareza, são *ipso facto* maus.

O Papa Pio VI, em 1794, condenou o Sínodo de Pistoia por várias razões, mas uma delas era que os documentos que dele resultaram não eram claros e punham em questão coisas que já eram dogma definido. Esta é a razão para condenar os documentos ambíguos na Igreja. E é a razão para se dizer que os frutos do Vaticano II são maus. Ora bem, se os frutos da árvore são maus, podemos deduzir que o próprio Concílio é mau, segundo dizem as palavras de Nosso Senhor: “Pode uma boa árvore produzir maus frutos?”. É isto o que o Terceiro Segredo diz do Vaticano II.

Será heresia dizer tal coisa? Não! Dos 21 Concílios que tivemos, houve outro Concílio que deu mau fruto. Em 553 D.C. teve lugar o Segundo Concílio de Constantinopla. O Papa S. Gregório o Grande, uns 40 anos mais tarde, disse aos Bispos que tinham problemas de consciência em consentirem num destes documentos ambíguos que o ignorassem, que fizessem de conta que nunca tinha existido, e que continuassem a manter a Fé. É isto que precisamos de fazer com grande parte do Concílio Vaticano II.

Por isso é que Nossa Senhora falou do Concílio no Terceiro Segredo, e disse que havia de vir um mau Concílio que iria causar muito mal. E por isso é que dizem que as Suas palavras são “não autênticas”. Não conhecem suficientemente bem as Sagradas Escrituras católicas, o dogma católico ou até mesmo a história da Igreja. Deviam saber que as Sagradas Escrituras profetizam uma “Grande Apostasia” na Igreja.

Mas não confiem só em mim, confiem antes na Virgem Santíssima. Peçam o texto que falta, com as Suas palavras, porque é importante para a salvação das almas. Como vêm, não se trata das minhas preferências pessoais, sobre o Latim ou qualquer outra coisa. A Missa guarda e protege a Fé. E a instituição da Missa diz-nos de que trata a nossa Fé. A lei da Fé é a lei da oração. Rezamos aquilo em que acreditamos. E acreditamos naquilo em que rezamos.

Para onde O levaram?

Se se formarem num serviço protestante, passado algum tempo começam a pensar como um protestante. Se receberem a Comunhão na mão, ficam com a ideia de que não é assim tão importante. De facto, tanto os Arianos como os Protestantes introduziram a Comunhão na mão precisamente para esse fim. Os Arianos, que não acreditavam que Jesus é o Filho de Deus, igual ao Pai, queria exprimir a sua falta de crença de maneira que o povo a compreendesse diariamente, e foi assim que introduziram a Comunhão na mão, no Século IV.

E quando os Protestantes quiseram negar o dogma da transubstanciação, reintroduziram a Comunhão na mão. A ideia era influenciar a maneira de pensar das pessoas, o modo como rezavam, para que elas acreditassem naquilo em que os seus dirigentes queriam que acreditassem. É um exemplo muito profundo, mas muito simples, que espero que compreendam.

Vamos a outro exemplo. Se o telhado por cima do sacrário do altar-mor está a ser consertado, e o pároco receia que um operário deixe cair um martelo sobre ele, muda temporariamente o Santíssimo Sacramento para outro lado até as obras estarem prontas. Mas se a igreja não tiver obras, não há razões para mudar permanentemente o Santíssimo Sacramento para outro lado. Ora se o pároco o muda, não disse uma só palavra sobre isso, mas passou às pessoas vulgares a mensagem de que o Santíssimo Sacramento não é importante. As pessoas entram, fazem uma genuflexão a uma cadeira e nem prestam atenção ao Santíssimo Sacramento. É isto o que sem passado nas nossas igrejas nos últimos quarenta anos. E vem de cima. Isto está no Segredo. Pio XII, falando em 1931, antes de ser Papa, quando era Secretário de Estado, disse o seguinte:

“Estou preocupado com as Mensagens da Santíssima Virgem a Lúcia de Fátima. Esta persistência de Maria sobre os perigos que ameaçam a Igreja é um aviso divino contra o suicídio de alterar a Fé na sua liturgia, na sua teologia e na sua alma. Virá um dia em que o mundo civilizado negará o seu Deus, em que a Igreja duvidará como Pedro duvidou. Será tentada a acreditar que o homem se tornou Deus. Nas nossas igrejas, os Cristãos procurarão em vão a lamparina vermelha com que Deus os espera. Tal como Maria Madalena, a chorar perante o túmulo vazio, perguntarão: ‘Para onde O levaram?’”⁴

O que podem os Católicos fazer?

É isto que temos visto nos últimos quarenta anos. Aqui o temos a predizer isto em 1931, e diz que vem na Mensagem de Fátima. Deve estar contido no Segredo que não nos deram, porque não encontramos menção disto no que foi revelado. O facto é que, para as poucas pessoas que tinham fé suficiente para compreender, para perguntar “Para onde O levaram?”, há dezenas de milhar de Católicos que nem sequer compreendem que estão a ser protestantizados dia a dia, semana a semana, quando vão a estas cerimónias e celebrações que foram protestantizadas de cima a baixo.

Foi assim que os Católicos ingleses — entre Henrique VIII, que morreu por volta de 1540, e Isabel I, que morreu por volta de 1600 — foram afastados da Igreja: mudando gradualmente a liturgia e protestantizando a sua maneira de ver e pensar e agir na Igreja. E passada uma geração ou duas, já não eram Católicos. Os chefes protestantes nunca tiveram que dizer uma palavra. Só precisaram de implementar a nova doutrina na prática litúrgica.

Portanto, não é uma questão das preferências de cada um. Estamos a falar da vossa Fé, das vossas almas. Está no Terceiro Segredo. Temos o direito a que revelem *todo* o Terceiro Segredo. Mas o que poderemos fazer?

Não devemos encher-nos de orgulho e dizer: “Bem, se tivesse um bom Papa, um bom Bispo, um bom Secretário de Estado, ou um bom padre, e assim por diante, então estaria bem. Mas como eles são maus, estou bem tal como estou, porque a culpa não é minha.” Mas o facto é que o castigo que estamos a sofrer é pelos nossos próprios pecados. Não nos fica bem envaidecermo-nos e dizer: “Se eu fosse Papa, havia de fazer melhor.”

Depende de SI

O facto é que estamos onde estamos, porque Deus aqui nos colocou. Cumpre-nos fazer a penitência e a missão que Deus nos atribuiu. É isto que depende de nós, e todos nós podemos rezar o Terço todos os dias. Nossa Senhora insistiu em que rezássemos o Terço todos os dias. Lúcia disse-nos que “não há no mundo nenhum problema, nacional ou internacional, físico ou moral, que não possa ser resolvido pelo Rosário.”

Assim, devemos rezar o Terço e pedir ar Deus que dê as graças aos nossos Bispos, e aos nossos padres, e ao nosso Papa, e aos nossos Cardeais, para serem bons se não o forem; e se forem bons mas lhes faltar a coragem, como os Apóstolos antes do Pentecostes, para que obtenham a coragem para defender a Verdade em público. Para isto é que precisamos de rezar o Terço. Rezamos o Terço para a nossa própria compreensão. Pode acontecer que recebemos e aceitámos mentiras porque queríamos acreditar nelas. Rezemos para vermos a Verdade e para vivermos na Verdade sempre e em toda a parte.

Devemos rezar o Terço frequentemente e com fervor, e fazer com que os outros façam o mesmo, em primeiro lugar pela nossa própria salvação, mas também pela salvação dos nossos vizinhos e amigos. Em última análise, rezamos pela salvação, não só dos Católicos, mas de toda a gente no mundo.

Em primeiro lugar, devemos ser fiéis a Deus. O Papa Leão XIII sublinhou que todas as graças vêm de Deus Pai através da sagrada humanidade de Jesus Cristo, pelas mãos da Santíssima Virgem Maria, até nós. A ordem é esta: Deus, Nosso Senhor, a Santíssima Virgem, e em seguida a Igreja. É esta a ordem que deve também ser a ordem das nossas prioridades.

Devemos rezar pelos nossos padres, e pelos nossos Bispos, e pelos nossos Cardeais, e pelo Papa. Todos eles precisam das nossas orações. Ajudemos, pois, os que estão acima de nós com as nossas orações e sacrifícios. Isto vem nas Sagradas Escrituras (cf. I Tim. 2:1-3). Peço-lhes também que se mantenham informados e que leiam com atenção tudo o que diz respeito a este assunto, porque lhes andam a contar meias verdades, e a parte que falta é a parte de que mais precisam. É por isso que lhes recomendo que leiam o material que nós publicamos, mas também pelo menos, é claro, qualquer boa literatura sobre este assunto.

Já é tarde

Nossa Senhora de Fátima disse-nos que nações inteiras serão aniquiladas. Por isso, é importante que compreendamos que já é tarde e não podemos fazer tudo, mas cada um de nós pode fazer qualquer coisa. E Deus espera que façamos o que pudermos.

As 50 pessoas que compareceram em Fátima em 13 de Junho de 1917, falaram aos amigos e vizinhos. Era isso que Deus esperava que fizessem. E aquelas 50 pessoas foram 5.000 em Julho e 15.000 em Agosto e 30.000 em Setembro e 70.000 em Outubro, só por falarem uns com os outros.

Cada um de nós pode fazer o mesmo. Cada um de nós pode falar com outras pessoas. Cada um de nós pode ser informado. Cada um de nós pode rezar o Rosário. Cada um de nós pode fazer os Cinco Primeiros Sábados. Há outras coisas que podemos fazer. Lembremo-nos de rezar o Terço todos os dias. Nossa Senhora insistiu nisso; é a nossa linha directa para o Céu. A Irmã Lúcia disse: “Rezando o Terço, agradaremos a Nosso Senhor e a Nossa Senhora, salvaremos as nossas almas e ajudaremos a salvar muitas outras almas.”

Que Deus vos abençoe.

Notas:

(1) Christopher A. Ferrara, *The Secret Still Hidden* (Pound Ridge, NY: Good Counsel Publications, 2008), [p. 43](#).

(2) Cf. Dz. 466, D.S. 861; e também Dz. 1830, D.S. 3063.

(3) Cf. Dz. 856, D.S. 1613.

(4) Roche, *Pie XII devant l’Histoire*, pp. 52-53. Cit. em Padre Paul Kramer, *O derradeiro combate do demónio* (Terryville, CT: The Missionary Association, 2002), [p. 34](#).